

organização
Januária Cristina Alves^{ibi} e
Leusa Araujo

Almas da Terra

Graciliano Ramos

por seus personagens

ilustrações
Catarina Bessell



12	Prefácio - Natália Agra
18	Apresentação: Graciliano Ramos por seus personagens
25	Parte I: As personagens começaram a falar
27	Paulo Honório
31	Minha irmã natural
37	Laura
43	Mãe
51	Parte II: As personagens tomaram conta do autor
53	Gaúcho
59	Um ladrão
69	Minsk
75	Ciríaco
79	Fabiano
85	Baleia
95	Parte III: As personagens além do autor
97	Madalena
103	Meu pai
107	Julião Tavares
113	Luísa
117	Um caeté
124	Apêndice
132	Biobibliografia
138	Sobre o autor, as organizadoras e a ilustradora



Prefácio

Lusco-fusco: as personagens em travessia

Por Natália Agra

Antes de mais nada, este é um livro sobre Graciliano Ramos (1892-1953) lido por suas complexas e instigantes personagens. Portanto, a perspectiva é diferente: são as crias observando o criador. Na epígrafe que abre este belo livro-homenagem, o romancista diz o seguinte: “Minhas personagens não são seres idealizados, e sim homens que eu conheci.” Quando pensamos nisso, além de perceber um modo compositivo central (a fonte de onde o autor extrai suas personagens: vida real), notamos o desejo do escritor alagoano em ler a difícil realidade social que o cercava, abrindo, assim, modos de leitura do mundo e suas tensões. Suas personagens são a garganta humana por onde atravessa a voz de sua narrativa, como Graciliano mesmo diz, nada doce, nada suave.

Almas da terra: Graciliano Ramos por seus personagens, organizado pelas escritoras e jornalistas Januária Cristina Alves^{ibi} e Leusa Araujo e minuciosamente ilustrado por Catarina Bessell, é dividido em três seções: “As personagens começaram a falar”, “As personagens tomaram conta do autor” e “As personagens além do autor”. Uma seção completa a outra, nos mostrando um panorama intenso de um projeto literário forte num momento difícil do país. Graciliano é revelado por suas personagens, que foram antes reveladas por ele, num movimento onde se dá uma convergência: nós também somos revelados por elas. É possível dizer que, no contexto histórico de onde alguns dos mais importantes autores fizeram parte, o Brasil pôde enfim conhecer as suas profundezas, o chamado Brasil profundo. O romance modernista nordestino então nasce nesse contexto e traz à baila esse Brasil.



As personagens de Graciliano, além de serem fruto de um projeto de reflexão sobre o país muito consistente e bem-acabado, ainda trazem o peso do mundo. Vejamos, por exemplo, o solitário e egoísta Paulo Honório, do clássico *S. Bernardo*: “Começo declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinquenta anos pelo S. Pedro.” É um homem, portanto, feito. Sua vida é duríssima, sendo massacrada, qual a grande massa da população, por um sistema hostil e violento. O autor trata, pois, o assunto sem filtros. O mundo que Graciliano retrata é sempre árido, nos seca a garganta (enquanto mareja os olhos). Paulo Honório é uma personagem e tanto: de explorado a explorador, fracassos se sobrepondo a fracassos, a vida em ruínas. Nelly Novaes Coelho, a esse respeito, diz que o autor

[...] Troca a natureza paisagística pela natureza humana. Os problemas humanos, como em José Lins do Rego e Jorge Amado, não estão *emoldurados* pela paisagem. A sua moldura é a própria carne e os ossos e o sangue dos personagens que se debatem. (COELHO, 1964; grifo da autora)

As personagens sempre falam a língua de sua gente, a língua sem polícia, viva e vibrante com a qual se comunicam as gentes dos “brasis” profundos. Falam por gírias, gemidos, silêncios – se calam.

A leitura da obra de Graciliano Ramos é muito importante também para entender o momento tão hostil que vivemos em nosso país. O autor soube, como poucos, perscrutar profundamente o mundo em que viveu. E esse mundo, da primeira metade do século XX, ao mesmo tempo que ficou lá, ainda permanece, afinal o país não conseguiu solucionar suas absurdas contradições. É interessante observar como suas personagens, volta e meia, se materializam na realidade e nos assombram – resultado de um grande poder de análise de sua conjuntura social e de entendimento, na condição de artista, dos processos estéticos/históricos. Graciliano conseguiu sintetizar essas tensões, e a potência desse trabalho é ainda hoje impactante. Antonio Candido diz que:

Para ler Graciliano Ramos, talvez convenha ao leitor aparelhar-se do espírito de jornada, dispondo-se a uma experiência que se desdobra em etapas e, principiada na narração de costumes, termina pela confissão das mais vívidas emoções pessoais. Com isto, percorre o sertão, a mata, a fazenda, a vila, a cidade, a casa, a prisão, vendo fazendeiros e vaqueiros, empregados e funcionários, políticos e vagabundos, pelos quais passa o romancista, progredindo no sentido de integrar o que observa ao seu modo peculiar de julgar e de sentir. De tal forma que, embora pouco afeito ao pitoresco e ao descritivo, e antes de mais nada preocupado em ser, por intermédio da sua obra, como artista e como homem, termina por nos conduzir discretamente a esferas bastante várias de humanidade, sem se afastar demasiado de certos temas e modos de escrever. (CANDIDO, 2006, p. 17)

Como esquecer a personagem Baleia, que nos toca profundamente com sua coragem e força contra as agruras e intempéries: “agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras” (RAMOS, 2012, p. 87). Pulou com três pés, depois, tal qual gente, com os dois pés, e, até o último instante, enevoadas, a cadelinha resistia (numa das cenas mais belas e comovedoras da literatura em língua portuguesa):

Encaminhou-se aos juazeiros. Sob a raiz de um deles havia uma barroca macia e funda. Gostava de espiar-se ali: cobria-se de poeira, evitava as moscas e os mosquitos, e quando se levantava, tinha folhas secas e gravetos colados às feridas, era um bicho diferente dos outros [...] Uma sede horrível queimava-lhe a garganta.